

## EDITORIAL

### NO NOVO TEMPO

Apesar de polêmico, Heráclito foi um dos grandes filósofos da Antiga Grécia. Temporalmente situado na era pré-socrática, ele defendia que a essência do mundo estava na “mudança”, sendo o fogo o elemento fundamental motriz desse fluxo perpétuo. É dele a famosa parábola que diz que um homem não pode tomar banho dois dias seguidos no mesmo rio, uma vez que no dia seguinte o homem já não é o mesmo e as águas do rio já correram e também não são as mesmas. Apesar de Heráclito ter vivido em uma época em que a ciência, pelo menos como a conhecemos hoje, estava apenas embrionando, suas ideias ainda ecoam ao redor do mundo. Como professor da área Física e curioso por todas os demais campos do conhecimento, eu, particularmente, penso no “fluxo perpétuo” de Heráclito como uma bela maneira metafórica de dizer que na natureza o equilíbrio é exceção, quando não uma ingênua ilusão.

Há muitas formas de definir equilíbrio, mas, em geral, podemos dizer que é o estado de um sistema qualquer no qual seus constituintes não mais sofrem mudanças. Peço licença para usar um exemplo da física para ilustrar. Quando uma xícara de café quente é deixada sobre uma mesa em um ambiente frio, ela perde calor até que sua temperatura se iguale à do ar ao seu redor, situação denominada de equilíbrio térmico. Acontece que a partir desse ponto não acontece mais nada, ou seja, não há mais troca de calor e o sistema deixa de ser interessante, uma vez que não há mais processos a serem observados (pelo menos macroscopicamente).

Como bem sabemos, o mundo, por outro lado, se mostra o oposto desse monótono “equilíbrio térmico”. A riqueza de processos e fenômenos, tanto físicos, químicos e biológicos, quanto ecológicos, econômicos e sociais que

observamos ao nosso redor é consequência exatamente de condições de não equilíbrio. Reforçando com mais uma metáfora, o equilíbrio é a linha contínua do monitor cardíaco de um paciente na UTI, ou seja, a morte. Vida, por outro lado, é pulsação, mudança, processo, enfim, estado de não equilíbrio.

Após essa breve digressão filosófica e epistemológica, vou ao ponto principal desse editorial. Já há algum tempo estamos testemunhando uma onda de conservadorismo no mundo e, por extensão, no Brasil. De maneira simplista, o conservador é aquele que defende a manutenção das condições políticas, econômicas, sociais e culturais vigentes. Não quero me estender aqui discutindo os motivos para uma pessoa adotar essa corrente de pensamento, mas é fato que em sua grande maioria os conservadores pertencem às classes mais abastadas e privilegiadas, uma vez que é difícil imaginar pobres e famintos defendendo a manutenção de sua miserável situação.

É difícil, portanto, deixar de fazer um paralelo entre “conservadorismo” e “equilíbrio”. Sendo assim, pelo menos no contexto em que expus o conceito de equilíbrio, o conservadorismo está fadado a fracassar. De fato, basta um breve folhear em um livro de história para constatar o quanto a jornada de nossa espécie por esse planeta foi e continua forjada por mudança, ou seja, por um “fluxo perpétuo” heraclitiano, e não pelo mórbido equilíbrio conservador. Evidentemente que sempre haverá altos e baixos, mas se eu tiver que apostar, a longo prazo coloco minhas fichas nos progressistas. E nós, aqui no Brasil, estamos mais uma vez testemunhando isso. Após anos amargos “e apesar dos perigos”, “da força mais bruta” e “da noite que assusta”, “estamos na luta” e “estamos mais vivos” no “Novo Tempo”.

Olavo H. Menin  
Editor-Chefe